

A ESCOLA POLITÉCNICA DA PARAÍBA E O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE: REPRESENTAÇÕES PELO DIÁRIO DA BORBOREMA E MEMÓRIAS DOS FUNDADORES E PIONEIROS DESSA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR.

JOSÉ VALMI OLIVEIRA TORRES*

ROSILENE DIAS MONTENEGRO**

O presente trabalho é um dos resultados parciais da pesquisa “Organização e Preservação da Memória da Ciência e Tecnologia de Campina Grande (1952-2002)”, que tem como principal objetivo pesquisar a história da ciência e tecnologia na cidade de Campina Grande. O recorte temático se volta para as histórias e as memórias da Escola Politécnica da Paraíba, criada em 1952, na cidade de Campina Grande. Partimos da premissa que a criação e consolidação dessa instituição, que em 1960 daria ensejo a criação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e ao campus universitário de Campina Grande, contribui também para reforçar nessa cidade o imaginário de modernização e irrupção de projetos para o desenvolvimento dessa cidade. A Escola Politécnica da Paraíba com o seu projeto de formação de qualidade de profissionais engenheiros civis e engenheiros eletricitas, principalmente, contribuiu para o desenvolvimento da cidade e região. Não obstante as dificuldades materiais enfrentadas (falta de recursos, de profissionais qualificados, de laboratórios adequados, etc.), conseguiu reunir um corpo docente qualificado, realizar convênios técnicos científicos que minimizavam as dificuldades, e dar o passo significativo para o futuro dos cursos dessa instituição: a aquisição do primeiro computador do Norte e Nordeste, o IBM 1130, um dos cinco computadores de todo o Brasil da época (1967). Entre 1952 e 1976, a Politécnica afirmou-se como um espaço de formação de qualidade social referenciada de engenheiros e de produção de ciência e tecnologia, tornando-se uma instituição de muito prestígio na cidade e região, obtendo projeção e credibilidade nacional. Em 1976, com a reforma cêntrica empreendida pelo Ministério da Educação, a Escola Politécnica da Paraíba se transforma no Centro de Ciência e

* Professor secundarista do Estado da Paraíba, Mestre em História. E-mail: josevalmi@yahoo.com.br

** Professora da Universidade Federal de Campina Grande. Doutora em História. E-mail: rosilenedm@hotmail.com

Tecnologia do Campus de Campina Grande, da UFPB. Para nossa análise recorreremos a bibliografia existente, as entrevistas que obtivemos com professores, alunos, e funcionários da Politécnica, a documentação presente no Arquivo Central da Universidade Federal de Campina Grande e, especialmente, as matérias e editoriais publicados pelo Jornal Diário da Borborema de 1957 a 1973.

Desde 1952, quando da criação da Escola Politécnica da Paraíba, na cidade de Campina Grande, os jornais¹ locais já apresentavam essa instituição como o sujeito que iria trazer o tão almejado e decantado progresso e desenvolvimento para a cidade. Ideia e ideal presente nos discursos políticos, nas rodas de conversa dos intelectuais e membros da elite campinense que se reunia na antiga Livraria Pedrosa, e principalmente nos discursos veiculados pelos meios de comunicação, sendo estes diários ou não, e, em especial, o *Diário da Borborema* (criado em 02/10/1957), que se identificava profundamente com as ideias modernistas e modernizadoras, e nesse desde sua fundação associava a Escola Politécnica da Paraíba com o progresso da cidade e expectativas vindouras de progresso.

Esses jornais contribuía para reafirmar ou davam um maior efeito de verdade à ideia de que a cidade estava realmente se desenvolvendo tecnologicamente graças a presença da Escola Politécnica e da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e Tecnologia - FUNDACT, instituições essas que sempre ganhavam destaque nas matérias trazidas por esses jornais.

É constatável o papel da imprensa, em especial do *Diário da Borborema*, como meio de veiculação e também construção de discursos com clara intenção de fazer com que as pessoas vissem outros acontecimentos da cidade, acontecimentos distantes das demandas e interesses imediatos de seu cotidiano.

¹Os jornais existentes em Campina Grande no momento da criação da Escola Politécnica apresentam esse acontecimento como uma ruptura que a cidade passaria a viver, mostrando que, apesar dessa cidade já ter uma “essência progressista”, estava agora se materializando. Pois segundo a matéria publicada em 06 de outubro de 1952 pelo jornal *Formação* sugeria que: “Campina Grande **vanguardeira do progresso** [grifo nosso] não se impermeabilizou a esse fluxo renovado e a esse surto de valorização intelectual. Movimentou os círculos estudantis, as associações de classe e reivindicaram a criação da Escola Politécnica. Recebendo hoje do governador do Estado, apoio a promessa categórica de transformar Campina Grande no centro da cultura técnica da Paraíba. Hoje vem sancionar a lei que autoriza a criação da Escola Politécnica”.

Provavelmente devido ao comprometimento desse jornal com a criação de um sentimento e visão de progresso para a cidade, progresso esse entendido como crescimento econômico, notamos a falta ou pouca presença de divulgação de fatos do cotidiano da cidade, que certamente poderiam contrariar a imagem, em construção, de uma cidade que rumava para o desenvolvimento. Atuação política que contribuía para que uma realidade fosse marcada de uma forma e não de outra.

Nessa direção, corroboramos com Mouillaud (2002) quando afirma que as duas principais funções de um jornal diário são:

A primeira delas é a de “fazer saber”. A finalidade dominante no discurso do jornal é a de produzir um efeito de real do qual estudaram-se, sucessivamente, os procedimentos de autenticação e as estratégias de descrição. O real do jornal Diário aparece, em última instância como um álibi que esconde o pleno desenvolvimento dos saberes disponíveis no jornal. A segunda estratégia está preferencialmente a serviço da verdade e não da realidade. O jornal mantém um pacto implícito com o leitor, cuja finalidade é “fazer crer”; o recurso ao discurso do outro é um meio para tal, seja servindo de ponto de apoio para uma derivação do discurso em direção a seu objeto, seja pelo recurso a um argumento de autoridade, que se funda na credibilidade do enunciador e na credibilidade do leitor. (MOUILLAUD, 2002: 27).

Tendo como base tal afirmação, podemos observar que o jornal, longe de reproduzir os fatos tal qual aconteceram (*sic*), ideia que prevalece no senso comum, ou seja, a de que os meios de comunicações se posicionam como um espelho transparente da realidade, procuram, através de uma série de estratégias que vão desde a escolha da própria matéria, o título, ou até mesmo na forma de diagramação, divulgar uma “verdade” para o público, usando de estratégias discursivas cujo objetivo é fazer com que esse público acredite naquilo que está sendo veiculado.

Ao analisar não só os jornais impressos, mas também outras formas de comunicação escrita como revistas, panfletos, televisão e rádio, Thompson (1998) afirma que, com o desenvolvimento das sociedades ditas modernas, os meios de comunicação passam a causar um impacto na forma de como as pessoas compreendem o mundo, pois segundo o mesmo: “a mídia em geral se apresenta como grande difusora de bens simbólicos” (p.33). Assim, com essa ampliação de formas simbólicas, podemos perceber o jornal como um veículo que está

indissociável da vida das pessoas e que acaba refletindo ou exercendo um papel de transformação, seja política, econômica e/ou social.

Stênio Lopes, um dos intelectuais que frequentavam a Livraria Pedrosa, articulista do *Diário da Borborema*, e também professor da Escola Politécnica, nos relatou em entrevista (a nós concedida no Projeto: Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande), alguns assuntos que eram debatidos pela elite campinense e que acabavam sendo noticiados, geralmente de forma opinativa, no *Diário*.

Alguns temas como, “progresso de Campina Grande”, “para onde vai Campina Grande”, “o que se podia fazer para o futuro de Campina Grande”, eram bastante debatidos entre alguns intelectuais da elite campinense. Vou citar alguns: Lynaldo Cavalcanti, Luis Almeida, irmão de Átila, Antônio da Silva Moraes, José Lopes de Andrade, que se chamava sociólogo, Edvaldo de Souza do Ó, de todos era o mais barulhento, José Paulino da Costa Filho, que veio para Campina como chefe da Agência de Estatística do IBGE², tornou-se professor e depois foi diretor da FACE³, e alguns industriais muito dinâmicos, entre os quais um chamado Clovis Mato Sá, de Cajazeiras, eu não podia esquecer de Josemir Camilo, Zezé Marques, a gente se reunia para discutir, o centro das discussões era normalmente no edifício da FIEP⁴ que funcionava lá na Associação Comercial (...). Essas discussões geralmente eram transformadas em artigos escritos por mim [Stênio Lopes] e Lopes de Andrade. (LOPES, 2004: 07-08).

Dessa maneira, ao falarmos desse jornal não podemos deixar de mencionar quem eram as pessoas que nele escreviam, ou com quais instituições elas se relacionavam, pois quem escreve, escreve a partir de um lugar seja social, institucional, econômico ou político (CERTEAU: 1982). Não se pode ignorar o fato de que as pessoas que escreviam no jornal que investigamos eram sujeitos que estavam diretamente envolvidos com a Escola Politécnica, a exemplo de Stênio de Lucena Lopes e José Lopes de Andrade, articulistas que vão utilizar desse veículo informativo para construir uma série de imagens sobre Campina Grande, ou seja, imagens de acolhimento, mas, também, de recusa, pois há uma Campina Grande que tanto o *Diário* quanto a Politécnica queriam sepultar. Mas não nos deteremos sobre esse aspecto nesse momento.

² Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

³ Faculdade de Ciência Econômica.

⁴ Federação das Indústrias do Estado da Paraíba sediada em Campina Grande.

Em matérias referentes aos primeiros anos de funcionamento até a formação da primeira turma de engenheiros, no período de 1952 a 1958, as elites dessa cidade já se esforçavam na construção de um discurso que procurava enaltecer a atuação dessa Escola, com frases como: “Escola Politécnica - vanguardeira do progresso”, “Escola Politécnica: exemplo de pioneirismo”, dentre outras que davam ênfase a esse discurso que estava sendo construído naquele momento.

Entre os que faziam a Politécnica campinense existia uma necessidade, desde os primórdios de sua criação, em ser e estar entre as melhores Escolas de Engenharia do Nordeste. No que se refere a essa região, o grande parâmetro que se estabelecia eram as instituições de ensino já consolidadas, a exemplo das Escolas de Engenharia de Recife e Fortaleza.

No entanto, ao entrarmos em contato com outras fontes, entre estas a oral, temos contato com outra forma de representação da realidade que, na maioria das vezes, relativizava um pouco as notícias publicadas nas páginas desse ou de outros periódicos. Ao analisar, por exemplo, o depoimento do professor e ex-diretor da Escola, Lynaldo Cavalcanti⁵, quando fala sobre o curso de Engenharia Civil que estava em funcionamento na Politécnica campinense naquela época, apesar de reconhecer o ideal daqueles que queriam torná-la uma Escola de referência, na fala de Cavalcanti é possível perceber as dificuldades pelas quais a Politécnica passava para se consolidar e transformar-se em uma instituição dos sonhos, como muitos desejavam.

(...) Havia mesmo muito pioneirismo nesse curso, contudo não se podia tapar o sol com uma peneira. O envolvimento dos profissionais com o ensino superior realizava-se de forma precária em virtude dos salários ofertados, sem falar que esses professores, mesmo quando ensinavam matérias básicas, não se dedicavam à pesquisa, não havendo nenhuma tradição nesse sentido, pois, em geral, tratava-se de engenheiros que se dedicavam mais as suas atividades profissionais. (ALBUQUERQUE, 2002: 326-327).

Apesar de Lynaldo Cavalcanti reconhecer o pioneirismo da Escola Politécnica, enfatizava em seu discurso, algumas limitações do ensino de engenharia que estava sendo ministradas, dificuldades essas que não apareciam nas páginas desse periódico. Quando essas

⁵ Entrevista concedida ao CNPq por Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque em 17/02/2004.

questões apareciam, apresentavam-se de forma muito implícita. Coisa que seria, portanto, muito comum, para uma instituição que estava dando seus primeiros passos, principalmente uma que optasse pelo curso de Engenharia Civil, passar pelos já referidos problemas, pois segundo Morais,

(...) não podemos negar a situação incômoda de instalar a primeira escola superior de Campina Grande em um colégio que estava começando a funcionar o ensino médio. Mas não podíamos rejeitar porque era o único lugar que o governo do Estado nos cedeu. Como também naquele momento a gente não dispunha de nenhum laboratório. A essa altura, aparece uma visita de ordem política lá em Campina Grande que foi o general Juarez Távora. Ele era candidato a Presidência da República e nos procurou. Aí mostramos todo aquele negócio e as salas ainda não concluídas, apesar de muito bem instaladas, com armários, quadro negro, carteiras e fomos passando e chegamos a uma sala grande muito vasta, que era a biblioteca, era o ponto nevrálgico da situação, pois, apesar de a gente já ter encomendado uma remessa de livros sobre Engenharia e ainda não tínhamos recebido. Eu fiquei com medo do general, que era um homem intransigente e muito vivido e quando chegou na biblioteca eu disse: “espere aí, deixe-me ver aqui. Está fechado”, estava com várias chaves e comecei a simular que não encontrava a chave da biblioteca, que era para não mostrar porque não tinha nada, quando estamos quase desistindo um acompanhante disse: “espere aí, deixe-me ver se tenho mais sorte”. Ele pegou as chaves e a primeira abriu a porta, quando abriu, estava aquele salão enorme tudo limpo espelhando e as estantes vazias. Eu disse: “general o senhor compreende, nós estamos ainda instalando as dependências da Escola, e apesar das dificuldades enfrentadas estamos suprindo essas carências, pois nós já fizemos uma encomenda muito grande de livros sobre o assunto ligado à engenharia, mas lamentavelmente a essa altura ainda não chegou e tenho aqui só dois volumes. Pois é general, o senhor queira nos desculpar, mas é isso mesmo”, o senhor sabe muito bem que não se monta uma Escola de Engenharia da noite para o dia. Ele viu aquele negócio todo, quando terminou de ver disse: “Me diga uma coisa, os senhores começaram o ensino superior aqui em Campina Grande com uma Escola de Engenharia?” Eu disse: “foi sim senhor, essa que estamos acabamos de ver”. E perguntei o porquê da pergunta do general. Aí ele disse: “Porque eu acho muito curioso, em geral, essas cidades pequenas começam com uma Escola de Filosofia, e eu acho muito curioso os senhores estarem começando aqui com uma Escola de Engenharia, isso me chama muito a atenção”. Aproveitei e disse: “O senhor veja General, o espírito do povo aqui como é objetivo, como é de lutador e de criação” (MORAIS, 2004: 09).

Como fica evidente no discurso de Antônio Morais, primeiro diretor da Escola, existia algumas limitações na Escola, coisa que o *Diário da Borborema*, procurava não expor ao público essas fragilidades da Escola Politécnica, ou seja, não se pretendia mostrar os problemas de ordem financeira e estrutural, como podemos inferir da fala de Antônio Morais. Ainda na fala do depoente, podemos perceber o quanto ele reproduz o discurso daquela época e que, de certa forma, ainda está no imaginário dos que vivem na cidade na atualidade, isto é, o discurso de uma cidade onde as pessoas são “valentes” no tocante à realização de seus empreendimentos, independentemente da área que elas atuem. Não é possível datar quando exatamente tal imaginário de povo “lutador” passou a ser produzido.

Apesar deste tipo de imagem ou representação ser uma constante no imaginário que se constitui em torno da cidade desde longa data, é a partir das décadas iniciais do século XX que há um incremento dos discursos no sentido de mostrá-la como um local que não retrocede em seu incansável progresso e desenvolvimento, somando-se a isto um apurado senso de civilidade e dedicação ao trabalho de sua gente. (SOUZA, 2002:40)

Nesse sentido, mesmo que Morais (2002) reconhecesse as dificuldades iniciais para a implantação do curso de Engenharia Civil da já referida Escola, principalmente aquelas inerentes à estrutura física, o mesmo recorre ao discurso dessa “essência” progressista do povo de Campina, pois, na compreensão do mesmo, o “espírito do povo aqui é objetivo, é de lutador e de criação” (MORAIS, 2002: 09), discurso esse que também será muito reproduzido nas páginas desse jornal.

Todavia, não temos a pretensão aqui de discutir se a Politécnica era ou estava entre as melhores instituições do Nordeste ou do Brasil, como queriam os membros dela, mas perceber que lugar o *Diário* passa a atribuir à instituição, reconhecida pelo ensino diferencial na cidade, tanto aquele que estava sendo ministrado como os profissionais que a mesma estava formando.

Dessa forma, podemos afirmar que apesar de todos poderem construir representações sobre uma dada realidade, a mídia pode dar às representações uma dimensão muito maior, seja com a escolha de certas informações ao divulgar e outras não. Por exemplo, algumas matérias escritas sobre a Escola Politécnica, onde existe uma diferenciação sobre os relatos

daqueles que estavam vivendo o cotidiano da instituição. Nesse caso, mais uma vez corroboramos com Mouillaud (2002), quando este afirma que,

(...) o por em visibilidade não constitui apenas um ser ou um fazer; não é simplesmente infinitivo, contém modalidades do poder e do dever. Indica um possível, um duplo sentido da capacidade e da autorização. A informação é o que é possível e o que é legítimo mostrar, mas também o que devemos saber, o que está marcado para ser percebido (MOUILLAUD, 2002:38).

Assim sendo, compreende-se que os discursos publicados no jornal, não são discursos neutros, uma vez que estão cheios de intencionalidades, sendo um espaço onde, as elites letradas vão tentar impor a sua compreensão de mundo. Ainda nessa direção, concordamos com Chartier (1998) e Ginzburg (1991), ao enfatizarem que os diferentes grupos sociais têm interesse em representar o mundo de forma diversa. Não queremos dizer com isso que as matérias publicadas por esse meio de comunicação sobre a Politécnica não tinham nenhuma aproximação com o que estava acontecendo, mas sim, que essas representações que estão sendo construídas sobre o ensino técnico-científico não são discursos neutros, pois, as pessoas que escrevem sobre a Escola, procuram mostrar apenas as imagens positivas, negando ou não divulgando o seu contraponto.

Partindo desse pressuposto, compreendemos que o *Diário* era um dos principais divulgadores do ideal de excelência que norteava os integrantes da Escola Politécnica, dando a conhecer aspectos de sua formação naquele momento. Nesse caso, tomamo-lo como “um olho aberto sobre o mundo, que é intercambiável com o olho do leitor ao qual dá o poder de ver” (MOILLAUD, 2002: 26), ou seja, o jornal fazia com que as pessoas tomassem conhecimento do que estava sendo feito dentro e fora dos muros dessa instituição.

Nesse caso, para uma Escola de Engenharia ou de qualquer outra formação profissional, em seus primeiros anos de funcionamento, é incomum que já se tenha alcançado uma credibilidade junto ao público. Enquanto uma Escola já consolidada, que já tenha colocado no mercado um determinado número de técnicos é mais fácil observar as competências dos seus profissionais.

No entanto, os alunos formados na Politécnica de Campina Grande, aparentemente não passavam por esse problema, pois, como veremos nas matérias a seguir, o quadro discente das primeiras turmas da Escola estava empregado, algumas vezes, antes mesmo de concluir o

curso, cabendo aqui outro espaço para questionamentos. O fato da Escola não passar por esses problemas, se deve ao fato da pouca oferta de mão-de-obra técnica? Ou pelo fato do jornal já vir construindo um lugar de competência para a Escola?

Assim, podemos afirmar que esse jornal, bem como as pessoas que faziam parte dele, não perdia tempo e passaram a investir na construção de um discurso que colocava o ensino da Escola Politécnica em uma situação de destaque diante da cidade e região. Prova disso são os alunos da primeira turma que, logo após a formatura, já foram convidados para exercer a profissão em uma importante obra de engenharia, que ultrapassava as fronteiras do Estado.

Vejamos:

O “Orós” e a engenharia nacional

A presença de Campina Grande na construção da grande represa é um desafio e orgulho da engenharia nacional, está assinalada pela chefia e das obras entregue ao engenheiro Anastácio Honório Maia, auxiliado pelos engenheiros Figueiredo Timoteo e Cartaxo, diplomados pela nossa Escola Politécnica. Os jovens campinenses estão dando tudo de sua mocidade e capacidade de trabalho especializado em benefício do desenvolvimento do Nordeste, cumprindo-se uma profecia daqueles que sonharam em transformar Campina Grande em celeiro da ciência e da técnica a serviço do progresso regional. (...).⁶ (DB, 10/07/1959)

Nesse editorial, Lopes de Andrade, enfatiza que os engenheiros campinenses formados na primeira turma da Politécnica, em 1958, já foram solicitados pelo governador do Ceará para reconstrução da barragem de Orós. O editorial poderia ter informado apenas sobre a construção da barragem de Orós, mas o articulista recorre a adjetivos que denotam grandeza, para destacar a qualidade da formação dos engenheiros da POLI, pois não era uma simples barragem que os engenheiros campinenses viriam a construir, mas, sim, uma das maiores do mundo.

Além de mostrar a competência dos politécnicos campinenses, e mesmo que não esteja colocado de forma explícita, o jornal, ao enfatizar no próprio título “O Orós e a engenharia nacional”, estava mostrando que esses profissionais, ao serem solicitados para tão importante

⁶ Editorial de Lopes de Andrade publicado pelo *Diário da Borborema* em 10/07/1959.

obra, que desafiava não só os engenheiros do Nordeste, mas também os de todo o território nacional, reforçava a construção da imagem de uma Escola de Engenharia competente. A Politécnica era a instituição em que as pessoas que lá estudavam estavam aptas a resolver qualquer problema na área de Engenharia Civil.

A dimensão que esse jornal confere a tal acontecimento colocava os engenheiros recém formados na Escola Politécnica em um patamar nacional, pois afirmava e ressaltava que a formação que estava sendo oferecida pelos professores da Politécnica aos alunos de engenharia civil dessa instituição estava no mesmo nível da praticada nos grandes centros de ensino superior.

Outro aspecto a se ressaltar é de que o convite do governador do Ceará pode ser entendido como o “atestado de credibilidade” dado à Politécnica da Paraíba, pois os politécnicos campinenses foram preferidos aos engenheiros pertencentes à própria Escola de Engenharia de Fortaleza, bem como a de Recife. Ou seja, a Escola Politécnica da Paraíba se sobrepunha a instituições já consolidadas na região Nordeste.

Ainda sobre a formação dessa primeira turma, o *Diário da Borborema*, cinco meses após a publicação do editorial anterior, publica novamente outro, escrito por Lopes de Andrade, reafirmando a importância desses formandos para a cidade e região.

A diplomação da primeira turma de engenheiros civis pela Escola Politécnica da nossa cidade é um acontecimento de relevo que deve ser ressaltado convenientemente. Campina Grande pode hoje orgulhar-se de contar com uma Escola Superior que nenhuma outra cidade, no interior do país em toda a região Norte e Nordeste, conseguiu instituir e manter. Tal fato mostra o espírito de iniciativa dos campinenses e revela um sentido de iniciação de nossos técnicos e líderes sociais para problemas objetivos. Quando uma cidade interiorana criar uma Escola Superior, prefere via de regra, Direito, Farmácia, até mesmo Filosofia que são estabelecimentos pouco exigentes em matéria de equipamento, podendo ainda dispor de pessoal mais facilmente encontrável para a manutenção dos seus cursos. A existência de uma Escola Politécnica numa cidade de interior é sinal de que essa cidade já conta com certo respeitável número de técnicos, o que por si só indica progresso. Ora, Campina Grande vem mantendo sua Escola de Engenharia em condições bastante favoráveis. Uma equipe de engenheiros competentes e idealistas vem sustentando os difíceis encargos que implica a preparação de engenheiros civis. E não é só isso. Há um espírito de renovação do ensino de engenharia na Escola Politécnica de Campina Grande. Ela pretende formar profissionais para o tipo de trabalho existente

na região, onde departamentos de construções do Governo vêm importando técnico de outras áreas, encontrando por sinal dificuldades no preenchimento dos seus quadro de engenheiros. Poucas capitais dos Estados do Norte e Nordeste possuem Escola de Engenharia. A Politécnica de Campina Grande constitui-se assim a mais viva demonstração da capacidade de realização dos campinenses. Ela deve ser considerada a menina dos olhos de nosso aparelho de ensino superior, resultado do esforço do idealismo de um grupo de profissionais dos mais ativos e capacitados de todo o Nordeste⁷. (DB, 16/12/1958).

O texto, além de mostrar a importância que a cidade passaria a ganhar com a preparação de técnicos da mais fina especialidade, é também perceptível que esse articulista vai dar ênfase à particularidade da Politécnica ser a única instituição do interior do Norte e Nordeste a conseguir manter uma Escola de Engenharia. Ainda enfatiza, mesmo que implicitamente, que Campina Grande estava mais desenvolvida do que muitas capitais nordestinas, pois nem todas as capitais da região tinham uma escola semelhante.

Percebemos ainda que além de demonstrar a importância da Escola como de seus profissionais para o desenvolvimento dessa cidade e região, o articulista reforça o imaginário da época que, segundo esses discursos, era um “destino” de Campina e dos campinenses transformar-se em uma cidade próspera, pois aquele tempo era o momento de redenção dessa cidade⁸. E a Politécnica, de acordo com esse discurso, estava propiciando isso para Campina.

Ainda seguindo nessa linha de discurso, o jornal mais uma vez, ao publicar uma matéria, se esforça para mostrar a Politécnica como aquela instituição que estava materializando o progresso.

Curso de Problemas do Nordeste na Escola Politécnica da Paraíba
Interesse da imprensa de outros Estados pelo assunto – antecipou a nossa Escola a outros estabelecimentos congêneres. A repercussão alcançada em toda a região nordestina em torno dos propósitos da Direção da Escola Politécnica da Paraíba, da criação do “Curso Problema do Nordeste”, naquele estabelecimento de ensino superior indica esse estado febricitante do progresso e desenvolvimento que vem tomando conta de todas as forças vivas de Campina Grande [grifo nosso]. A imprensa de outros Estados já

⁷ Editorial de Lopes de Andrade publicado pelo *Diário da Borborema* em 16/12/1958.

⁸ Alarcon Agra do Ó – **O Leito de Procusto**: Nacional-Desenvolvimentismo e Educação. Campina Grande, 1959: João Pessoa; 1996 – Dissertação de Mestrado em Educação, p. 41.

vem se preocupando com a iniciativa de nossa Escola Politécnica, registrando-se, inclusive em longos artigos que Campina Grande tem sido a pioneira da solução de vários problemas nordestinos [grifo nosso], entre os quais se destaca, agora a idéia da criação de um curso considerado que está sendo por técnicos de alta valia e grande importância, especialmente para os engenheiros que terão de futuramente empregar seus conhecimentos no Nordeste. Por outro lado, a nossa Escola Politécnica antecipou-se a diversos outros estabelecimentos do Gênero, sediado em capitais de outros Estados, dando assim um exemplo de capacidade dos homens estudiosos de Campina Grande, nas lutas que travam pela melhoria dos nossos padrões técnicos, pelo aprimoramento dos nossos estudos e pela pronta equação de problemas que versão apenas beneficiar a nossa terra, pois terá influência em todas as camadas nordestinas relacionadas com o estudo da engenharia⁹. (DB, 11/01/1958).

Nessa notícia, o jornal já indicava que o objetivo da Escola Politécnica era também o de encontrar soluções que pudessem romper com o atraso econômico, tecnológico e social em que estava inserida a região Nordeste na década de cinquenta. Essa instituição representaria para esse segmento letrado da sociedade campinense, um símbolo desses tempos de busca, de se criar bases materiais que viessem dar viabilidade ao tão almejado e decantado progresso. A Poli seria, então, a instituição que iria auxiliar a cidade em seu anseio de industrialização e processo de desenvolvimento técnico-científico.

Com a compra do IBM1130 pela Escola Politécnica, *O Diário da Borborema*, além de apresentar o desfecho de todo o processo que levou a aquisição desse moderno equipamento, enfatizava também que os órgãos públicos e empresas privadas iriam utilizar os serviços do Centro de Processamento de Dados. Essa era uma forma de mostrar que a Escola Politécnica estaria estreitando os laços com as empresas, dando funcionalidade ao conhecimento que estava sendo produzido pelos professores e alunos.

A inauguração do primeiro computador a ser utilizado para o processamento de dados em Campina Grande ocorreu ontem (sábado) na Escola Politécnica da Universidade Federal da Paraíba, por iniciativa da Associação Técnico-Científica Ernesto Luiz Oliveira Júnior, de que é presidente o engenheiro Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, diretor daquela Escola. A solenidade contou com o comparecimento de autoridades e convidados especiais,

⁹ Matéria Publicada no *Diário da Borborema* em 11/01/1958.

constituindo-se um acontecimento de alto relevo na vida cultural paraibana pelo significado intrínseco do conteúdo que revestia, através do qual Campina Grande desde então passou a incorporar diretamente ao seu processo de desenvolvimento a mais avançada das conquistas da ciência e da tecnologia contemporâneas. Com a inauguração do computador IBM-1130 na Escola Politécnica cuja programação de trabalho alcançará várias empresas privadas e públicas, além do treinamento de alunos dos cursos de engenharia daquela unidade de ensino e pesquisa, a nossa cidade revela-se mais uma vez pioneira no Nordeste brasileiro colocando-se em pé de igualdade com Fortaleza, Salvador e Recife e outros grandes núcleos urbanos do Brasil que já utilizam computadores, em suas atividades científico-tecnológicas e econômicas. O crescente intercâmbio de Campina Grande com o ITA, um dos mais adiantados centro de pesquisas e estudos do Brasil e do mundo assim como entre a Escola campinense e universidades da Europa e entidades internacionais interessadas em projetos nos campos científicos e de tecnologia, eis o que explica a inauguração de ontem, atraindo sobre a nossa cidade as atenções do mundo cultural brasileiro e de outros países. Na opinião praticamente unânime dos que a conhecem em sua atual fase de expansão, formando quadro técnico de alto nível, não ser dos melhores de que se pode orgulhar o ensino superior do Nordeste, mas de todo o país a Escola Politécnica de Campina Grande enfileira-se, hoje entre as quatro ou cinco escolas de engenharia de maior renome no Brasil, graças à seriedade do trabalho que realiza e aos elevados objetivos que presidem a orientação de seus currículos. (DB, 18/08/1968)

Podemos inferir ainda, no editorial publicado pelo *Diário*, sobre a compra do IBM 1130, que além de enfatizar o fato de Campina Grande entrar na era da automação, ou seja, dar mais um importante passo no desenvolvimento da ciência e da técnica, a Escola passaria a agilizar e automatizar os serviços de várias empresas sediadas em Campina Grande, pois só em 1967, foi implantado pelo Centro de Processamento de Dados, a mecanização da folha de pagamento do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens, o preenchimento das guias de reconhecimento dos impostos prediais e territoriais urbanos para a Prefeitura Municipal de Campina Grande, implantação dos serviços de faturamento da Empresa de Saneamento da Capital (SANECAP S/A), levantamento do imposto sobre circulação de mercadorias do exercício fiscal de 1967 para o Estado da Paraíba¹⁰.

¹⁰Informações contidas no Relatório do Diretor de 1963 a 1970, p.169.

Se no primeiro ano de instalação do Centro de Processamento de Dados já existia uma grande procura por esses serviços, em 1969 outras empresas também passaram a ser atendidas, a exemplo da CELB, com a implantação de faturamento, bem como a SANESA, TELINGRA, SANECAP, implantação da folha de pagamento da Prefeitura Municipal de Campina Grande, dentre outras.

Nesse sentido, segundo o discurso jornalístico, a Politécnica só foi instalada em Campina Grande graças ao espírito de luta e força dos intelectuais campinenses, afirmação que procura mostrar que os campinenses são dotados de grande força para alcançar seus ideais para ajudar a cidade, estado e região a se desenvolver. Havendo também a ideia de que a Escola não só formava engenheiros, mas cidadãos, pessoas retas, dignas e “perfeitas” como podemos ver em um dos editoriais mostrados anteriormente.

Podemos afirmar, assim, que o *Diário*, através de suas matérias e editoriais, procurava fazer com que os leitores acreditassem na ideia de que essa Escola estava realmente contribuindo para o desenvolvimento não só de Campina Grande, mas de toda uma região. De acordo com esses discursos, a Politécnica só vinha a demonstrar mais uma vez o espírito de iniciativa dos campinenses e que deveria ser “a menina dos olhos do nosso aparelho de ensino superior”¹¹.

Assim sendo, observamos que esse jornal e seus articulistas contribuem na construção da imagem de uma instituição de referência, sempre dando ênfase ao seu pioneirismo e dinamismo. Desta feita, podemos afirmar que esse meio de comunicação contribuiu para que a instituição e a cidade fossem percebidas como lugar que estava viabilizando o progresso da ciência e da técnica.

No entanto, apesar de acreditarmos que esses discursos auxiliaram na construção do imaginário de desenvolvimento dessa cidade, percebemos que o papel exercido pela Escola Politécnica em relação a Campina Grande e região não ficaria apenas relegado ao campo das ideias, como os criados até então. Podemos afirmar que a Escola, ao iniciar a prestação de serviços para a sociedade por meio de laboratórios, passava a construir a cidade por meio de um instrumento tecnológico, expresso na implantação de novas tecnologias, a exemplo da construção de aparelhos transceptores SSB para atendimento do Plano de Telecomunicações

¹¹ Editorial de Lopes de Andrade publicado pelo *Diário da Borborema* em 13/12/1959.

do Estado da Paraíba, respondia ainda solicitação do DNER do estudo de tensão, de ruptura à compreensão simples em corpos de provas de concreto, bem como vários estudos de compactação de solos para a construção de rodovias estaduais, as análises da qualidade d'água que estava sendo consumida pela população de Campina Grande e cidades vizinhas, etc.

Além desses serviços, a Escola ainda desenvolvia várias pesquisas para órgãos governamentais, a exemplo de uma solicitação pelo departamento de transporte da SUDENE, de uma pesquisa de tráfego do Nordeste, a CAGEPA havia também encomendado um estudo das bacias dos rios do município de João Pessoa, dentre outras solicitações.

É por tudo isso que uma Escola de engenharia é a porta de entrada para muitas transformações de uma cidade, pela sua capacidade de resolver problemas ligados a sociedade. Mas isso só ocorre com a formação de engenheiros competentes aptos a proporem soluções para as mais variadas situações. Foi assim que se constituiu a Escola Politécnica que, por estar atenta aos problemas da cidade, contribuiu na construção do desenvolvimento científico de Campina Grande e região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACERVO de depoimentos do Projeto Memória – **Organização e Preservação da Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande** (1952-2002).

CARVALHO, José Murilo. **A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória**. 2. ed. Minas Gerais: UFMG, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Ed. DIFEL, 1990.

CERTEAU, Michel de. **As invenções do cotidiano**. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

DELGADO, Lucia Neves. **História Oral – memória, tempo, identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

JONAL DIÁRIO DA BORBOREMA. Anos 1957 a 1973. Campina Grande/PB.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Ó, Alarcon Agra do. **O Leito de Procusto**: Nacional-Desenvolvimentismo e Educação. Dissertação de Mestrado em Educação/UFPB, 1996.

Ó, Edvaldo de Sousa do. **História da Universidade Regional do Nordeste**. JÚNIOR Luiz José e CARTAXO, Marcos (org). Governo do Estado da Paraíba, 1994.

_____. **Politécnica** - Primeira Escola Superior de Campina Grande. Campina Grande: Editora Campina Grande LTDA, [s.d.].

LOPES, Stênio. **Escola Politécnica de Campina Grande**: uma Experiência de Desenvolvimento Tecnológico do Nordeste. Campina Grande: Editora Tecnal, [s.d.].

_____. **Campina**: Luzes e sombra. Campina Grande: [s.n], 1989.

MONTENEGRO, Rosilene: **História política e imaginário de progresso em Campina Grande no anos 50**. In: **Saeculum**. Revista de História. Nº 10, Janeiro/Julho 2004 - João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, 2004.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org). **O jornal**: da forma ao sentido. 2. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.

THOMPSON, Jorn B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão: revisão da tradução Leonardo Avritzer. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

TORRES, José Valmi Oliveira. **A construção do imaginário de modernidade em Campina Grande nas matérias publicadas pelo Diário da Borborema**. (Monografia em História), UFCG, 2006.

PEREIRA, Rosália Barros. **A presença Estrangeira no Ensino Superior Brasileiro**: O Caso da UFPB. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: [s.n.], 1985.